

TRIBUNA LIVRE

AJ16789



MARÍLIA CUSTÓDIO SANTOS

A Reta da Penha e a origem do traçado

No início dos anos 70, engenheira recém-formada e trabalhando na Prefeitura Municipal de Vitória, coube a mim fazer o projeto de duplicação da avenida Nossa Senhora da Penha. Antigo trajeto do bonde era então uma via estreita e pavimentada em paralelepípedos.

Já naquela época tinha o traçado reto, porém ocupava de forma descentralizada o seu espaço de direito. Vitória tinha sofrido muitas invasões e ocupações irregulares, mesmo na parte que já era abrangida pelo Plano de Urbanização.

Os muros e cercas das propriedades ali existentes eram desalinha-dos, alguns recuados e outros avançando até a beira da faixa pavimentada. A documentação da maioria dos terrenos era confusa. Não definiam com exatidão os limites. Teria, porém, que fazer caber ali uma avenida, de qualquer jeito.

Eram tempos de Brasil grande. Tínhamos que correr contra o tempo, compensar o atraso, diziam. Não era época de preciosismos. Obra tinha que ser feita e ponto final. Se a implantação de plano urbanístico ficasse inviável, fazíamos as adaptações necessárias. Era um tal de correr com os projetos, era tudo "pra ontem". No caso da avenida Nossa Senhora da Penha, o financiamento já estava liberado e a obra não poderia esperar.

Nossa divisão, no Departamento de Obras, tinha um topógrafo o senhor Hilton Oliveira, muito competente, metódico e cheio de opinião. Era grande conhecedor do acervo da municipalidade. Disse-me que a Prefeitura possuía para a região plano projetado pelo ilustre engenheiro sanitário e também urbanista Saturnino de Brito, de fama internacional, que no final do século XIX projetou a região norte da Ilha, aí incluindo as avenidas Norte-Sul, depois Leitão da Silva, várias ruas da Praia do Canto e Santa Lúcia e uma avenida reta, na direção do convento que seria a avenida Nossa Senhora da Penha.

Esse projeto, dizia-se que estava guardado em outro setor da Prefeitura, aos cuidados de outro topógrafo, senhor Vello, também

muito respeitado e de muita opinião. Ele e o nosso topógrafo não estavam se falando. Sobrou para mim tentar conseguir o projeto original.

Depois de muita conversa consegui. Já estava muito envelhecido, manchado e quase ilegível, mas mostrava os marcos para locação do eixo da avenida. O marco inicial estava cimentado em elevação rochosa, próxima à antiga Ponte da Passagem. O outro era o minarete do Convento da Penha.

Fiz questão de ir junto com o topógrafo e os ajudantes procurar o marco na rocha. Encontrado, foi instalado o teodolito e mirado o Convento. Foi emocionante. Fiz questão de fazer minha visada também. Daí, foi definido o

eixo da avenida e lançados os alinhamentos laterais.

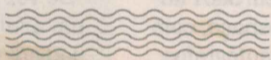
Em boa parte da avenida trafegávamos com visão frontal do Convento, como tinha previsto Saturnino de Brito. Já próximo a avenida Desembargador Santos Neves, a visão era um pouco impedida por umas casuarinas velhas e infestadas de cupins,

que existiam em Santa Helena.

Essas árvores foram retiradas nos anos 90 e passamos então a ter visão do Convento em todo o seu esplendor. O mais belo e majestoso monumento do Estado. Não está situado em Vitória, mas temos dele visão privilegiada.

Essa barriga agora construída no meio da avenida, para atender a Petrobras, descaracterizou um marco da história capixaba.

Tenho a esperança de que a avenida venha a sofrer nova modificação e voltar a ser reta. A Reta da Penha. O acesso aos domínios da Petrobras pode ser reconstruído com um trevo apropriado que não interfira no seu traçado.



Essa barriga construída no meio da avenida descaracterizou um marco da história capixaba

Marília Custódio Santos é engenheira civil